

antropologia cristã, que terá que se debruçar muito a sério sobre a questão da afectividade e da sexualidade. Só por essa via poderá elaborar uma «apologética» sustentável, relativamente à sua visão de ser humano, no contexto da cultura actual.

O volume encerra com um importantíssimo capítulo sobre a relação entre a fé cristã e a cultura dos *mass media*. Após análise aturada das posições mais críticas até às mais moderadas, no contexto da sociologia dos *media*, o autor procura uma posição equilibrada, que saiba avaliar positivamente elementos dessa cultura, mas que simultaneamente não se deixe levar, de forma facilitista e mesmo perigosa, pelo seu fascínio. Joga-se aqui um elemento fulcral da actual relação entre cristianismo e cultura, não propriamente pelo serviço que os *media*, como instrumento, podem prestar à evangelização, mas pela forma como se altera a fisionomia cultural e pessoal, através das sua influência. Será a esse nível mais profundo, aqui abordado, que a teologia deverá elaborar uma apologética do cristianismo, sempre em diálogo crítico.

Dado tratar-se de um livro com referência a alguns dos temas mais «quentes» da cultura actual, prevê-se e deseja-se que o seu modo de abordagem origine debate e discussão das teses apresentadas, para se impulsionar um processo de reflexão, fundamental para o cristianismo contemporâneo – e, porque não, também para a actual sociedade, na complexa encruzilhada da modernidade tardia.

JOÃO DUQUE

RAHNER, K., *Escritos de Teologia*, tomo III, 4.^a ed., Ediciones Cristiandad, Madrid, 2002, 416 p., 230 x 150, ISBN 84-7057-433-7 (obra completa), 84-7057-451-5 (t. III).

Em boa hora resolveram as «Ediciones Cristiandad» reeditar os volumes dos *Escritos Teológicos* de Karl Rahner, já traduzidos para espanhol e publicados anteriormente pela Editorial Taurus, nos anos 60, e que entretanto se encontravam esgotados. Nas proximidades do centenário do nascimento de tão significativo teólogo, esta reedição adquire significado redobrado.

O presente volume reúne escritos dos anos 50, sobre os mais diversos temas, como é costume em quase todos os volumes dos 16 publicados pelo autor. A primeira parte concentra-se em questões fundamentais ou mesmo de Teologia Fundamental, sobretudo relacionadas com a dimensão incarnacional do cristianismo (como o belo artigo sobre a teologia da celebração do Natal).

Uma segunda parte reúne escritos sobre os sacramentos, de que sobressai a breve reflexão sobre a Eucaristia e a paixão. A parte dedicada ao quotidiano da vida cristã, centra-se sobretudo na oração. Na secção sobre os estados de vida, encontram-se alguns textos entretanto já clássicos, como «Existência sacerdotal», «Consagração do leigo para a cura de almas» e «Sacerdote e poeta». Este último texto foi escrito como prefácio ao livro de Jorge Blajot, de poesias sobre o sacerdócio, *La hora sin tiempo*, e surge nesta tradução espanhola segundo a original versão do próprio poeta. Trata-se de uma admirável reflexão sobre a relação estreita entre a modo sacerdotal e o modo poético de habitar o mundo.

Uma outra parte do volume reúne dois conhecidos textos sobre a devoção ao Coração de Jesus, interessadamente inspiradora de muitas ideias teológicas rahnerianas. Por último, são abordadas questões de fronteira, como a da relação entre crentes e descrentes, ou a da consideração da ciência como «confissão».

Sem que seja o volume mais importante dos muitos publicados nesta série, é sem

dúvida uma recolha de significativos contributos de Rahner para a transformação teológica do séc. XX, que viria a desembocar no Concílio do Vaticano II.

A apresentação é, como de costume nas «Cristiandad», muito cuidada e digna, correspondendo ao elevado nível do conteúdo.

JOÃO DUQUE

RILEY, Gregory J., **Un Jésus, Plusieurs Christs. Essai sur les origines plurielles de la foi chrétienne**, Labor et Fides, Genève, 2002, 226 p., 225 x 150, ISBN 2-8309-1020-6.

Esta tradução de um escrito publicado originalmente em 1997, da autoria de um professor californiano de Novo Testamento, coloca à disposição do público francófono uma obra «de sucesso» no contexto da actual investigação sobre a pessoa de Jesus e sobre as diferentes leituras (cristologias) que dela se fazem.

Uma simples leitura do índice revela de imediato a contextualização cultural do autor. Embora seja sua intenção abordar a pessoa de Jesus a partir de uma cristologia plural – ou seja, do pressuposto de que as leituras ou interpretações das acções e palavras de Jesus foram diversas, desde as origens do cristianismo – o autor não escapa à concentração dessas leituras na «sua» leitura, que situa essa figura «estranha» no contexto da heroicidade antiga – retirando-lhe, assim, talvez a sua «estranheza».

Assim, a perspectiva do Jesus-herói é aqui a perspectiva aglutinadora das cristologias assumidamente plurais. A propósito dessa perspectiva, desenrola-se todo o estudo sobre o mundo desse herói (cap. 2), sobre a *história* do herói e os ide-

ais da antiguidade (cap. 3) e sobre a *história* específica de Jesus (cap. 4). A partir dessa perspectiva, também as cristologias primitivas são analisadas por relação à figura do herói e aos seus diversos aspectos ou modalidades, comuns no mundo antigo (cap. 5). Até o cristianismo, enquanto seguimento de Jesus, é visto como «heroísmo cristão» (cap. 6) e os mártires assumidos como heróis (cap.8).

Trata-se, sem dúvida, de uma leitura original e atractiva, sobretudo no contexto de uma cultura de heróis míticos, como a mediática cultura actual, ou numa cultura da heroicidade capitalista e nacionalista, como é o caso da cultura americana – mormente californiana – na herança da concepção grega do herói lutador/vencedor – e de certo espírito protestante originador do capitalismo moderno. Mas logo aqui se vislumbram as diferenças, já que o Jesus-herói parece mais ser o perdedor que o vencedor. De qualquer modo, com a ressurreição, sempre se pode analisar tudo na perspectiva da vitória heróica final – mesmo quando através do sacrifício... heróico.

Estamos, contudo, frente a uma leitura possivelmente pouco «cristã» do cristianismo e da própria pessoa de Jesus. A conjugação da «vitória» com a doação da vida – a morte e o aniquilamento de si – torna-se muito difícil ou mesmo impossível, neste contexto. E, sem essa conjugação, será difícil falar de identidade cristã. Não fosse a frase final do texto – «Creio saber a razão pela qual, na antiguidade, a história de Jesus pode dar sentido e valor à existência de tanta gente pobre e sofredora; julgo compreender o motivo pelo qual eles assumiram os mesmos riscos que ele, o imitaram e seguiram até ao túmulo: de certo modo, que para eles era claro mas já não o é para nós, Jesus era o seu herói» (214) – não fosse esta afirmação aberta, e diria que este livro mais não seria do que uma cristologia segundo o modelo da po-